



~ A ESCADARIA DAS FADAS ~

Mohamed Ben Tahir foi um dos emires que governaram a formosa cidade espanhola de Valência na época em que pertencia aos mouros.

Era um homem de meia-idade, moreno e de olhos profundos, usava um turbante e vestia um albornoz branco.

O emir tinha uma filha chamada Aixa, uma jovem de grande beleza, a quem o povo de Valência apelidara de «Flor dos Jardins» por gostar muito de correr pelos campos e de respirar o perfume das flores e dos bosques. O emir adorava a filha e dava-lhe todas as riquezas que podia. Os seus inúmeros tesouros pareciam-lhe pouco para a sua querida filha.

Porém, Ben Tahir sabia muito bem que as riquezas que lhe dava não chegavam para a educar. Aixa tinha de ter tanto de riquezas como de sabedoria, por isso chamou um sábio para ensinar a princesa. O professor também era árabe e usava um chapéu em cone, vestia um traje estrelado e tinha uma respeitável barba branca como todos os magos. A jovem, que tinha enorme vontade de aprender, acolheu o sábio com grande afecto. No entanto, à medida que foi aprendendo e ficando mais inteligente, a formosa jovem tornava-se mais triste e insociável.

Todas as pessoas da cidade começaram a notar a mudança de Aixa. O pai também estava preocupado e bastante aflito com o comportamento da filha.

— O que tens, Aixa? — perguntava-lhe.

— Nada, pai — era sempre a resposta.

Nem as longas viagens nem os presentes que lhe oferecia diariamente a animavam. Continuava a passear sozinha pelos jardins ou a olhar pela janela.

— O que poderei fazer para te ver sorrir? — perguntou carinhoso o emir.

Aixa suspirou profundamente e cravou os olhos nos degraus da escadaria talhada na rocha que se viam da janela.

Ben Tahir percebeu. Mandou vir o mago à sua presença e pediu ao professor que lhe dissesse o que sabia da tristeza de Aixa.

— Oh, poderoso senhor! A tristeza da tua filha não tem cura.

— Se és assim tão sábio, deves saber como curá-la!

— Sei o que tem a tua filha, porém é-me impossível curá-la — exclamou o mago. — Quer ver o que existe no cimo da escadaria das fadas, esses degraus formados no rochedo em frente da janela do seu quarto.

— Pois que vá — disse o emir decidido.

— Sim, grande senhor — continuou o mago — mas isso é impossível. Cumprindo a tua vontade, transmiti-lhe toda a minha sabedoria mas, à medida que a sua inteligência se foi desenvolvendo, o coração foi adormecendo. Sabe mais do que os velhos sábios, mas esqueceu-se de amar. Sabes o que isso significa? Quer dizer que a sua sabedoria não lhe serve de nada, porque lhe falta o amor. E como só vive para estudar, chegou ao limite de tudo o que se pode saber e agora sente um enorme vazio. O desejo de Aixa é tornar-se fada, desejo que nenhum humano consegue realizar, e é por essa razão que está triste.

— Se ela se sentir mais feliz por se aproximar da escadaria das fadas, porque havemos de privá-la disso?

— Aixa não deve sentir curiosidade. Isso é próprio das pessoas comuns. Aixa não pode subir a escadaria das fadas.

O emir, enfurecido com o ancião, exclamou:

— Fiz-te vir de um país longínquo para me ajudares a tornar feliz a minha filha, e afinal o que conseguiste foi entristecê-la ainda mais, pois educaste-a fazendo-lhe desejar coisas impossíveis. E não te dei tudo quanto me pediste? Porque deambulas tu pelos jardins, cabisbaixo e resmungando sempre?

— A minha tristeza não se relaciona com a maneira como procedeste comigo. Sinto-me velho e estou convencido de que não viverei muito mais tempo. Todos temos de morrer, mas tenho pena de não tornar a ver o meu país.

— Queres dizer que pretendes ir-te embora? É a liberdade que estás a pedir-me?

— Senhor — ripostou o sábio — a liberdade é o maior bem que podemos gozar na terra.

O emir ficou de novo pensativo, passeando pelo luxuoso salão. De repente, deteve-se diante do sábio e exclamou:

— Bem! Por mim, não há o menor inconveniente, mas como sei que é por minha filha que vieste, tem de ser ela a conceder-te licença para partires.

Ben Tahir tocou o gongo e no mesmo instante apareceu um gigantesco servo.

— Diz a Aixa que venha imediatamente.

Depois de posta ao corrente do que se passava, a jovem exclamou angustiada:

— Não, pai, não é possível que o meu mestre parta. Só ele tem o remédio contra a minha tristeza e, para fugir ao cumprimento do seu dever, pede-te que lhe dês a liberdade. Ele possui o segredo da escadaria das fadas e não quer revelar-mo. Poderia converter-me na mais feliz das pessoas e nega-me essa grande alegria.

— És um impostor! — gritou o emir, sacudindo o sábio.

Aixa sentiu-se protegida e prosseguiu:

— Esse homem conhece a palavra mágica que abre o caminho das fadas, a palavra que leva à porta do palácio das fadas. Quem conseguir entrar nele será o ser mais poderoso e mais feliz da terra. Porque não me revela ele a palavra?

— Fala! — ordenou Ben Tahir.

— Essa palavra — disse o mago — pode conduzir à infelicidade eterna. A escada não pode ser subida pelos humanos.

— Já te disse — exclamou o emir com decisão — que, se é desejo de minha filha subir a escadaria, subi-la-á. Quero que seja feliz, que viva contente e ria de novo.

Perante as exigências do emir, o mago não se atreveu a protestar mais, e disse, com um encolher de ombros:

— Tu assim quiseste, emir. Devo porém avisar-te de que é preciso que tanto tu como tua filha obedeçam a todas as ordens que vos der, já que o atraso de um segundo no cumprimento das mesmas poderá ser fatal. Ficaríeis sepultados no fundo da misteriosa montanha.

— Cumpriremos as tuas ordens — disseram Aixa e o pai.

Na noite seguinte, encontraram-se à meia-noite e dirigiram-se para perto da escadaria das fadas. O velho sábio não parava de olhar as estrelas, à espera de que ocupassem a posição favorável. Nesse momento, o galo cantou.

— Utiliza imediatamente o poder mágico que conduz ao país das fadas — ordenou o emir.

O ancião, sem fazer muito caso das palavras do emir, acendeu uma tocha e pegou num livro muito velho e de páginas amareladas e letras esquisitas. Colocou um anel sobre a primeira página e começou a ler, lentamente, a meia-voz. Quando terminou a leitura da primeira página, produziu-se um tremendo ruído no seio da montanha.

Aixa e seu pai estremeceram, enquanto o ancião, como se nada tivesse ouvido, continuava.

A escadaria pareceu iluminar-se e a jovem começou a subi-la.

O mago disse ao ouvido de Ben Tahir:

— Sobe também. Verás algo de maravilhoso.

O pai de Aixa deu início à subida, e o velho voltou à sua monótona leitura.

Ao terminar a terceira página, ouviu-se outro ruído, ainda mais forte do que o primeiro.

Foi então que a jovem e o emir viram desenhar-se no rochedo a forma de uma porta arqueada, que se foi abrindo lentamente, à medida que o mago pronunciava as palavras cabalísticas do misterioso livro.

Quando na rocha se abriu o espaço suficiente para dar passagem a um homem, Aixa e Ben Tahir penetraram no Paraíso das Fadas.

Pai e filha pararam perplexos. Ante os seus olhos acostumados às maiores magnificências, deparava-se algo com que jamais podiam ter sonhado, algo de tão fantástico que só podia ser uma das mais maravilhosas fantasias do longínquo Oriente. Ali, não longe deles, estavam uns seres quase transparentes, que olhavam os recém-chegados com um estranho sorriso nos lábios. Eram as fadas daquele incomparável paraíso.

Uma delas fez um gesto a Aixa.

— Vem — disse. — Estávamos à tua espera...

— Que maravilha! — repetia Aixa continuamente.

— Parai! — gritou o mago.

A sua voz era tão imperiosa que a jovem ficou por momentos no umbral do palácio.

— Vem! — insistiu a fada.

— Regressai! — repetiu o mago.

Aixa, acostumada como estava a obedecer, voltou para trás, e o pai pousou-lhe uma mão no ombro, satisfeito por ver que a luz e a alegria lhe tinham voltado ao rosto. Em seguida, a porta fechou-se com um estrondo, obedecendo a umas palavras mágicas do sábio.

A jovem estava felicíssima; beijava o pai, abraçava o velho mago e repetia mil vezes que não existia na terra ninguém mais feliz do que ela. Pelo contrário, o velho mestre mostrava-se mais sombrio do que nunca.

Quando regressaram ao palácio, o velho mago dirigiu-se a Ben Tahir e disse:

— Poderoso emir, eu cumpri a minha promessa. Cumpri agora a vossa, permitindo que regresse à minha pátria, para morrer sob o céu que me viu nascer.

— Se a minha filha consentir, serás livre.

Aixa estava tão contente que acedeu a dar a liberdade ao seu velho mestre, mas com a condição de que este lhe deixasse o livro misterioso e o anel que tinha o poder de abrir o palácio das fadas.

O mago não pensou duas vezes e entregou-lhos.

— São teus. Guarda-os como recordação de quem iluminou a tua inteligência com a luz da sabedoria. Porém, serve-te deles com cuidado, não abusando do seu ilimitado poder. Não esqueças que na vida está também a morte.

Depois de ditas estas palavras, o ancião deixou o palácio do emir e partiu imediatamente para a sua terra, carregado de belos presentes que Ben Tahir lhe dera como recompensa por ter devolvido a felicidade à filha.

O tempo passou. Uma noite, Aixa não pôde dormir. Lembrava-se todos os dias do que tinha visto no palácio das fadas. Pegou no livro misterioso e no poderoso anel e, acompanhada da sua escrava favorita, dirigiu-se à escadaria de pedra. Quando as estrelas atingiram no seu curso o lugar que o ancião havia assinalado, a donzela abriu o livro e leu as palavras mágicas. Tal como naquela outra noite, a montanha começou a abrir-se, até permitir a entrada no paraíso das fadas.

Aixa entregou o livro e o anel à escrava, e hipnotizada com as maravilhas que se lhe deparavam, entrou no palácio encantado. Só que agora não estava ali o mago para a avisar, e Aixa ficou encerrada naquele maravilhoso lugar que tanto havia desejado conhecer.

Quando o sol despontou, ao ver que Aixa não regressava, a escrava foi contar ao emir o que tinha acontecido. Este pegou no livro, disposto a lê-lo todo, se necessário fosse, mas os sinais misteriosos eram incompreensíveis.

— Que se reúnam todos os meus homens e que partam em busca do velho mago — ordenou, então.

Foram imediatamente enviados emissários em todas as direcções, mas o velho não apareceu em parte alguma. Era como se a terra o tivesse tragado. Ben Tahir não se deu por vencido e mandou o exército derrubar a montanha. Em vão. Nem a mais pequena brecha pôde ser aberta na rocha.

Decorreram os anos, até que, um dia, o poderoso emir morreu de desespero junto da montanha misteriosa. Ninguém soube se a donzela moura pôde alguma vez voltar à luz do dia.

Os que hoje passam por aquele lugar não podem deixar de recordar a lenda daquela que, no passado, se deixou deslumbrar pelos próprios caprichos, em lugar de pôr a sua sabedoria ao serviço da bondade e da beleza.